



Capítulo 10:

Considerações Finais



A presente pesquisa de cunho exploratório, descritivo e longitudinal, foi dedicada à temática da educação em redução de riscos e desastres socioambientais e foi guiada pela questão - *Como se caracterizam as práticas desenvolvidas pelas escolas participantes em uma campanha nacional de educação em redução de risco de desastres?*

Por meio da combinação integrada dos referenciais da análise de conteúdo e da complexidade, procuramos responder esta pergunta sobre o conjunto de todas as iniciativas inscritas em quatro anos (2016 a 2019) da Campanha #AprenderParaPrevenir. O *corpus* foi formado pelos relatos compostos por textos e imagens, pelos documentos complementares indicados nos mesmos relatos.

Justamente por esta ser a primeira investigação em nível de pós-graduação, voltada a essa iniciativa pioneira em ERRD, sabíamos o quanto era necessário e estratégico fazer uma caracterização aprofundada neste acumulado de informações, práticas e conhecimentos construídos pelas comunidades escolares de todas as regiões brasileiras. Nesse cenário, nossa investigação dialogou com referências teóricas sobre riscos e desastres, educação ambiental, sociedade de risco e complexidade, apontando novos olhares, conhecimentos, limites e potencialidades do campo da ERRD.

Neste capítulo final, deparamo-nos com a missão de trazer as principais considerações que emergem desta pesquisa de doutorado. Assim, a dividimos em duas partes: na primeira, estabelecemos, pelo uso de **palavras-chaves**, associações com as reflexões oriundas dos principais resultados. Na segunda parte, apresentamos algumas contribuições desta investigação para o avanço do campo da ERRD articulada com o campo da EA.

Apesar do número de comunidades escolares que tratam desta realidade no Brasil ainda ser reduzido, o desenvolvimento de práticas em ERRD por escolas de todos os níveis e redes de ensino localizadas em 20 estados mais o DF evidencia que, mesmo sendo nova, a temática de riscos e desastres permite essa abordagem **ABRANGENTE** com caminhos diferenciados e promissores.

Reconhecemos que existe uma aderência maior desse assunto no Ensino Fundamental e Ensino Médio, mas investigar esse número de práticas escolares oriundos de todas as regiões do país, possibilitou evidenciar uma **DIVERSIDADE** de estratégias de integração, abordagens didáticas, atividades e de públicos. Além da juventude, foram envolvidas também as pessoas da Educação Especial, os adultos e as crianças, o que

nos leva a compreender a possibilidade de tratar desta temática em espaços educativos formais *não previstos* inicialmente na campanha, de modo que conceitos, metodologias e práticas possam ser integrados desde os primeiros anos da alfabetização, em processos mais inclusivos tanto de gênero, étnico-raciais, intergeracionais como na questão das necessidades especiais, de forma a contribuir na formação e no estabelecimento de uma sociedade mais segura, resiliente, inclusiva e multicultural.

Uma consideração que vale ser retomada é o fato de 97% das práticas analisadas terem sido desenvolvidas pelas comunidades escolares públicas, ou seja, mesmo com carências estruturais do sistema educativo brasileiro, a fragilidade de formalização deste tema e os processos de desconstrução das políticas públicas vivenciadas desde 2017, as/os professoras/es dessas escolas **MOBILIZARAM** não apenas as parcerias, mas também atividades didáticas e conhecimentos sobre ERRD em seus espaços educativos. A temática de RRD pode ter despertado nessas/nesses professoras/es um interesse em mediar atividades mais ativas, marcando seu papel como protagonistas de um processo de mudança social e exercendo sua intelectualidade como sujeitas/os autônomas/os e produtoras/es de conhecimentos significativos e conectados com a realidade local.

A **CRIATIVIDADE** dessas comunidades escolares, principalmente focada no papel das/os professoras/es mobilizadoras/es, refletiu-se na riqueza de modalidades e recursos didáticos adotados nas cinco abordagens didáticas da mandala de ERRD, desde as mais convencionais até as mais instigadoras. Essa amplitude dimensional mostrou as possibilidades de tratar temáticas negativas e complexas – riscos e desastres – de forma **ADAPTATIVA** e **CONTEXTUALIZADA**, por meio de práticas que permitiriam a identificação e a problematização dos possíveis riscos e desastres socioambientais que afetam as escolas e/ou suas comunidades escolares. Neste sentido, a abordagem dos desastres que ocorrem localmente oportuniza o desenvolvimento de práticas fundamentadas na perspectiva da EA crítica, com um ensino, além de contextualizado, significativo, empoderador, transformador e crítico.

O reconhecimento dessas escolas como agentes sociais transformadores de seus espaços de vida e **CONSTRUTORES DE CONHECIMENTOS** e práticas em ERRD, dentro desses espaços horizontais - as comunidades de aprendizagem - é essencial, não somente aos olhos dos órgãos públicos, universidades, defesas civis e instituições envolvidas nos processos de gestão dos riscos, mas também dentro da própria comunidade escolar, que muitas vezes não se considera como tal.

Além de demonstrar a potência dessas escolas, esta pesquisa traz contribuições que avançam no **campo prático da ERRD**, entre as principais, podemos listar:

- Sistematização de um conjunto acumulado das práticas de ERRD desenvolvidas no ensino formal que podem ampliar a integração desta temática em novos espaços de diálogos, com novos públicos e novas interfaces.
- Compreensão ampliada de *quem, onde, o que e como* as práticas de ERRD foram desenvolvidas no contexto escolar nos últimos anos no Brasil, com indicação das virtudes e dos limites que podem receber novos esforços colaborativos.
- Proposição do uso da mandala como ferramenta visual, dinâmica, flexível e reflexiva que contribua no processo de co-criação e/ou de autoavaliação de médio ou longo prazo de programas, projetos, sequências didáticas e ações de ERRD.

Já no **campo teórico, das pesquisas de ERRD e EA**, como discutimos no Capítulo 2, essa é ainda uma temática muito rara nas pesquisas acadêmicas. A ERRD é um campo novo que demanda o envolvimento de pesquisadoras/es que venham a contribuir com novas reflexões, análises e resultados que possam “encorpar esse caldo”, por meio de referenciais teóricos que dialoguem com a perspectiva social dos riscos e desastres, pedagogia decolonial, racismo ambiental e injustiças ambientais, já que os desastres são enfrentados principalmente por populações mais vulneráveis e os cenários dos desastres estão cada vez mais presente em nossas sociedades de riscos e desastres. As possibilidades são enormes e trouxemos, ao longo deste documento, questões de pesquisas que carecem de respostas.

As cenas daquele filme de ficção agora estão batendo à porta de nossas casas, escolas e comunidades. Mas juntas/juntos poderemos reescrever o roteiro enquanto uma sociedade mais adaptativa e resiliente, com a transformação destes cenários de crises em oportunidades de recriar os processos de construção dos conhecimentos baseados na CO-laboração, CO-participação, CO-responsabilidade, CO-produção e CO-atuação.

Encerramos esta publicação com a consciência de que ela é apenas um dos resultados do doutorado, pois ele é mais do que este importante documento. Todas as experiências, aprendizados, dúvidas, conhecimentos, relações e nossas comunidades de aprendizagens se constituem em outros tipos de “frutos” amadurecidos durante a trajetória percorrida nesses últimos anos.

Que venham muitas reflexões, inspirações e aprendizados que contribuam para o aprimoramento deste campo e da formação da cultura de prevenção e redução de riscos e desastres.